



**ABNER VICENTINI:
UM PIONEIRO DA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA**

*ABNER VICENTINI:
A PIONEER OF BRAZILIAN LIBRARIANSHIP*

Murilo Bastos da Cunha¹

RESUMO: Este ensaio biobibliográfico analisa a trajetória profissional do bibliotecário Abner Vicentini (23/08/1929 – 9/08/1976). Dentre vários cargos ocupados, Abner Vicentini foi presidente da Associação Paulista de Bibliotecários (1958-1961); professor de Biblioteconomia na Universidade de Brasília (1964-1971); conselheiro da Federação Internacional de Documentação; consultor da FAO para a implantação da Biblioteca Nacional da Agricultura e do Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola (1975-1976). Como diretor na área de bibliotecas, Vicentini passou pela seguinte trajetória: Instituto Tecnológico de Aeronáutica (1952-1953), Centro Tecnológico da Aeronáutica (1954-1963), Universidade de Brasília (1964-1971), Ministério das Minas e Energia (1972-1975). Abner Vicentini foi ainda, um grande divulgador da Classificação Decimal Universal e editor da primeira edição brasileira do *Anglo-American Cataloging Rules* (AACR-1), lançada em 1969.

PALAVRAS-CHAVE: Abner Vicentini. Bibliotecário. Biblioteconomia. Biobibliografia.

ABSTRACT: This biographical essay analyzes the professional trajectory of Abner Vicentini (23/08/1929 – 9/08/1976), a Brazilian librarian. Abner Vicentini was president of the Library Association of São Paulo (1958-1961), professor of Library Science at the University of Brasilia (1964-1971), advisor of the International Federation for Documentation, FAO consultant for the implementation of the National Library of Agriculture and the National System Agricultural Information and Documentation (1975-1976). He also held management positions in several libraries such as: Technological Institute of Aeronautics (1952-1953), the Aeronautics Technological Center (1954-1963), the University of Brasilia (1964-1971), Ministry of Mines and Energy (1972 - 1975). Abner Vicentini was a great promoter of the Universal Decimal Classification and editor of the first Brazilian edition of the *Anglo-American Cataloging Rules* (AACR-1), published in 1969.

KEYWORDS: Abner Vicentini. *Bio-bibliography. Librarian. Librarianship.*

¹ Pós-doutor e Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Michigan (USA); Mestre em Ciência da Informação pela UFMG. Bibliotecário. Professor Titular da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Brasília – DF – Brasil. E-mail: murilobc@unb.br
Recebido em: 20/03/2014 – **Aceito em:** 30/04/2014.

1 INTRODUÇÃO

Por ocasião da comemoração do cinquentenário da criação do Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB) recebi o convite para falar sobre uma pessoa muito querida para todos nós aqui da Faculdade de Ciência da Informação e também da nossa Biblioteca Central. Eu me propus a fazer uma biobibliografia de Abner Lellis Corrêa Vicentini e, a partir do que ele escreveu tecer os comentários sobre o seu legado.

Com surpresa descobri que não há nada escrito sobre ele, uma pessoa seminal na nossa área, nosso ex-professor aqui na UnB. Aliás, há poucos escritos sobre os nossos bibliotecários pioneiros. Praticamente, só temos duas obras: *O mestre dos livros: Rubens Borba de Moraes*, resultante da dissertação de mestrado defendida por Suelena Bandeira aqui, na nossa faculdade, e que a editora Briquet de Lemos publicou em 2007; *Vão-se os dias e eu fico: memórias e evocações*, que Edson Nery da Fonseca, em 2010, publicou pela Ateliê Editorial, de São Paulo. Precisamos cuidar de outras biografias, porque tivemos colegas que enfrentaram, criaram, desbravaram e lutaram em prol da Biblioteconomia brasileira que, em 2011, completou cem anos da criação do primeiro curso (BRASIL, 1911) na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Existe certa tradição na área, apesar de muita gente achar que ela começou ontem, quando, na verdade, já vem de dez décadas, e tivemos outros bibliotecários famosos antes de 1911, mas é esse ano que marca a criação do Curso de Biblioteconomia no Brasil. Inúmeros profissionais tornaram possíveis o nosso exercício profissional e não conhecemos as dificuldades enfrentadas em outras épocas. Então, reclamo aqui da necessidade de produzirmos trabalhos sobre alguns dos nossos pioneiros e destaco, entre outros:

- Alfredo Américo Hamar, pioneiro da automação em bibliotecas;
- Antonio Caetano Dias, batalhador da Biblioteconomia no Rio de Janeiro;
- Astério Campos, o grande estudioso da teoria da classificação;
- Célia Zaher, que dinamizou o IBBD e chegou a trabalhar na UNESCO;
- Denise Fernandes Tavares, incentivadora das bibliotecas infantis na Bahia;
- Ernesto Manoel Zink, difusor das técnicas de documentação especializada;

- Etelvina Lima, criadora de bibliotecas e de duas escolas de Biblioteconomia (Belo Horizonte e Curitiba);
- Heloísa de Almeida Prado, pioneira na preparação de livros didáticos para a nossa área;
- Laura Russo, batalhadora da legislação bibliotecária e da regulamentação da profissão de bibliotecário;
- Lucília Minssen, incentivadora das bibliotecas infantis no Rio Grande do Sul;
- Lydia de Queiroz Sambaquy, realizadora de um trabalho fantástico que possibilitou a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT);
- Maria Luiza Monteiro da Cunha, difusora da normalização das regras catalográficas;
- Marieta Telles Machado, pioneira da biblioteconomia goiana;
- Myriam Gusmão de Martins, pioneira no planejamento bibliotecário;
- Nice Menezes Figueiredo, a primeira doutora brasileira em Biblioteconomia;
- Zila Mamede, que é o nome da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Em relação ao Abner Vicentini, senti muito prazer e tristeza ao tentar lembrá-lo. Prazer, porque ele desempenhou um papel importante que nós vamos conhecer ao longo deste texto, e tristeza por ser uma pessoa que deveria ainda estar conosco aqui, e, se assim fosse, hoje ele estaria com 82 anos. Eu lembro o mestre Edson Nery da Fonseca, que recentemente esteve conosco nesta faculdade, e, com 91 anos, encontra-se em pleno exercício profissional.

2 SÍNTESE BIOGRÁFICA

Abner Lellis Corrêa Vicentini nasceu em 23 de agosto de 1929, em Bebedouro, uma cidade do Estado de São Paulo, perto de Americana e de São Carlos, naquela região famosa pela produção de laranja. Graduou-se em Biblioteconomia na Escola de

Sociologia e Política de São Paulo, em 1949, e em Direito na Universidade de São Paulo (USP), em 1953.

De 1952 a 1953, foi diretor de uma importante biblioteca no Estado de São Paulo, a do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), do Ministério da Aeronáutica, e lá ele criou uma biblioteca modelar. Lembrando a importância do ITA para o ensino brasileiro, a qualidade era tamanha que muitos engenheiros saíam de lá direto para a pós-graduação no exterior, já eram contratados e isso continua até hoje pelo nível de qualidade desse instituto. No período de 1954-1963 foi diretor da Biblioteca Central do Centro Tecnológico da Aeronáutica (CTA), em São José dos Campos (SP).

De 1958 a 1961, Vicentini presidiu a Associação Paulista de Bibliotecários (APB) – a primeira criada no contexto brasileiro –, tendo sido reeleito. Até o final dos anos 1970, a APB foi a principal associação de bibliotecários do Brasil.

Vicentini veio para a UnB em 1964. O nosso primeiro reitor, Darci Ribeiro, solicitou a Edson Nery da Fonseca, bibliotecário da Câmara dos Deputados e professor de Biblioteconomia na UnB, que criasse uma biblioteca para a nova universidade, ainda em fase de implantação. Essa biblioteca começou a crescer e o Edson, sentindo-se sobrecarregado – além de professor, estava criando o Curso de Biblioteconomia e administrando a Biblioteca Central (BCE) –, sugeriu o nome do Vicentini para substituí-lo na direção da biblioteca. Inicialmente, em 1964, ele foi requisitado. Depois, se desligou do ITA e foi incorporado ao quadro da UnB como um dos primeiros professores da Biblioteconomia, pois o primeiro vestibular foi em 1965.

Foi uma época áurea e de muita labuta. A UnB começou de um jeito diferente, pois, à medida que os prédios iam sendo construídos, os professores já estavam dando aula. O pessoal do novo *campus* da Ceilândia atualmente reclama que não tem sala, mas isso também já ocorreu nos anos 1960! Quer dizer, a UnB está acostumada a não esperar: “Olha, não vamos ter aula enquanto não tem prédio”. Não! O prédio Dois Candangos estava sendo construído e já havia curso de Direito, Arquitetura e Economia – os três cursos mais antigos.

Quando Vicentini veio para cá, a biblioteca funcionava lá no prédio do Ministério da Educação (MEC), na Esplanada dos Ministérios. Eram várias salas para abrigar a administração da UnB. Naquela época, muitos setores do MEC ainda estavam

no Rio de Janeiro e aquele prédio estava praticamente vazio, só com o gabinete do ministro mais um apoio administrativo. Então foi fácil para a UnB conseguir metade de um andar para instalar a reitoria e a biblioteca, que funcionava numa sala. Pois bem, com a chegada do Vicentini reservou-se uma área no *campus* – onde está o prédio denominado Serviços Gerais 12 (SG-12), ali onde hoje funciona uma parte dos cursos da Engenharia, quase em frente à Estação Sismológica da Geologia – e a Biblioteca Central funcionou durante muitos anos lá, em uma área provisória. E o professor Vicentini, sendo uma pessoa com muito relacionamento no exterior, conseguiu verbas do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que doou um milhão de dólares para a construção do prédio atual.

De 1964 a 1968, Vicentini exerceu o cargo de Coordenador do Sistema de Biblioteca e da Biblioteca Central da UnB. De 1964 a 1971, foi professor do Curso de Biblioteconomia, onde lecionou Documentação e Classificação. Ele foi um docente que enfatizou o uso da Classificação Decimal Universal (CDU) no Brasil.

Em 1972 foi convidado pelo Ministério das Minas e Energia (MME) para criar um sistema de informação para esse órgão que, naquela época, tinha em seu organograma grandes empresas: Petrobrás, Vale do Rio Doce, empresas elétricas, e, depois, toda a parte de energia nuclear e mineração. Mas não havia uma coordenação para as bibliotecas, que não se falavam e tampouco os bibliotecários se conheciam. Vicentini verificou duas coisas: precisava criar um sistema e precisava treinar os recursos humanos. Ele implantou e promoveu dois cursos de especialização em convênio com a UnB, sendo treinados quase 50 bibliotecários do MME e das empresas a ele vinculadas. Os cursos tiveram duração de um ano para os bibliotecários aprenderem as novas técnicas de documentação, o uso do computador na biblioteca – naquela época não havia *laptops*, *notebooks*, *tablets*, nada disso. O que havia era o *mainframe* e a questão era: como usar um computador nas atividades da biblioteca? Esse tema está presente em alguns dos trabalhos que publicou. Ele ficou até 1975 no MME.

Vicentini foi convidado pela FAO, em 1975, para ser o coordenador do projeto de implantação da Biblioteca Nacional da Agricultura (BINAGRI), hoje Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola (SENAGRI/BINAGRI).

Nesse projeto ele trabalhou junto com o professor Jaime Robredo, com a Yone Chastinet e com a professora Dulce Baptista, que era redatora de resumos naquela época. Vicentini era o coordenador nacional e Jaime Robredo era o consultor internacional pela FAO, para ajudar na parte de implantação desse sistema.

Essa não era uma ideia nova, pois os Estados Unidos já tinham bibliotecas nacionais para determinados temas: a Biblioteca Nacional de Medicina (em inglês: United States National Library of Medicine, NLM) e a Biblioteca Nacional de Agricultura (em inglês: United States National Agricultural Library, NAL). O projeto coordenado por Vicentini consistia em que a BINAGRI fizesse a indexação, o controle bibliográfico das publicações agrícolas brasileiras, e enviasse esses metadados para a FAO, em Roma, onde seriam incluídos no sistema AGRIS, que funciona muito bem há mais de 40 anos. O AGRIS possui mais de um milhão de registros bibliográficos e o Brasil contribuiu com mais de cem mil itens de sua bibliografia agrícola, que foi recatalogada e classificada de acordo com os padrões desse sistema internacional.

Vicentini, além de profissional bibliotecário, desempenhou importante papel no movimento associativo, atuou na área de informações especializadas em Engenharia, Minas e Energia e Agricultura. Possivelmente, essa diversidade de conhecimentos foi o fator que o influenciou – uma parte que mais a frente nós vamos ver –, a propor ideia do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT).

3 DIVULGADOR DA CDU

Desde meados dos anos 1950, na biblioteca do ITA, em São José dos Campos, Vicentini já estava usando a Classificação Decimal Universal (CDU). É possível que essa biblioteca tenha sido uma das primeiras a usar da tabela especializada em Engenharia, e, ao constatar a importância desse sistema de classificação, Vicentini preocupou-se com a necessidade de traduzir as tabelas a fim de incentivar o seu uso no Brasil.

Vicentini foi, durante muitos anos, o presidente da Comissão Brasileira da CDU, chamada IBBD/CDU, que coordenou a tradução de algumas tabelas desenvolvidas: as classes 0, 1, 2 e 3 foram traduzidas para o português e publicadas pelo IBBD e, depois,

222

pelo IBICT. Porém, a tradução da edição média, mais volumosa, foi feita aqui, em Brasília, pelo Vicentini e pelo padre Astério Campos, professor nosso e um dos maiores especialistas mundiais em teoria de classificação. Várias pessoas, eu inclusive, participaram da Comissão da CDU e isso desenvolveu bastante a sua utilização no Brasil.

Essa atuação fez com que Vicentini fosse convidado para participar do Comitê Central de Classificação da Federação Internacional da Documentação (FID/CCC) que, em nível mundial, decidia sobre o crescimento e atualização da CDU. E também o ajudou a integrar o Conselho da Federação Internacional de Documentação (FID), que era formado por nove pessoas – e entre elas estava um brasileiro! A FID foi extinta em 2002, mas, até meados da década de 1980, teve um papel importantíssimo, que hoje é ocupado pela International Federation of Library Associations and Institutions (Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias, em inglês IFLA). Durante anos foi membro do Conselho da FID, o que abriu portas no exterior para as atividades do Vicentini.

Tentaremos mostrar que muitas participações foram feitas a nível internacional graças a essa penetração que o Vicentini tinha no exterior.

4 DIVULGADOR DAS REGRAS DE CATALOGAÇÃO

O grande interesse de Vicentini pela catalogação levou-o a apresentar no 1º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, realizado no Recife, em 1954, o seu primeiro trabalho, intitulado “Da necessidade de um código nacional de catalogação”.

Em 1960, participou da delegação brasileira na famosa Reunião sobre Princípios da Catalogação, promovida pela UNESCO em Paris. Esse evento foi vital para a ideia de normalização catalográfica em nível mundial, estimulada principalmente pelo advento do *Código de Catalogação Anglo-Americano* (AACR-1).

Até 1969, no Brasil, a maioria das bibliotecas usava as *Normes per Il catalogo degli stampati* (*Normas para o catálogo de impressos*), mais conhecidas como *Código da Vaticana*, de Roma, a biblioteca papal, elaborado em 1920. Esse código tivera duas edições brasileiras: em 1949, pelo extinto Departamento Administrativo do Serviço

Público (DASP), em São Paulo; e em 1962, pelo IBBD, no Rio de Janeiro. Mas alguns bibliotecários começaram a ficar preocupados, porque o *Código da Vaticana* não se adequava às modernidades das décadas de 1950 e 1960, e, alguns traduziram partes do AACR-1. Se vocês consultarem os anais dos quatro primeiros congressos brasileiros de Biblioteconomia, encontrarão discussões incríveis sobre um assunto que hoje parece piada: um grupo de bibliotecários queria adotar a entrada “Machado de Assis, José Maria” e outro grupo dizia que deveria ser “Assis, José Maria Machado de”, pelo último sobrenome. Então esse tema – que hoje é trivial para nós – foi objeto de discussão em congresso sobre normas de catalogação, porque não havia um código normalizador, uma obra que tivesse abrangência nacional aceita por todos.

Essa obra foi a primeira edição brasileira do AACR-1, lançada em 1969, que deu muito trabalho – e eu digo isso porque o capítulo 11, a parte de mapas, foi tradução minha, pois, com 23 anos, recém-formado em dezembro de 1968, eu já estava trabalhando nesse capítulo – e o Vicentini, juntamente com o padre Astério, coordenou a tradução elaborada por várias pessoas. Trata-se de um livro transcendental para todos nós, uma obra de peso, que tinha 532 páginas (RIBEIRO).

Eu estudei nesse livro, que, obviamente, foi suplantado quando saiu o AACR-2, e este talvez, brevemente, dê lugar para os *Recursos: Descrição e Acesso* (RDA).

Uma coisa que devemos ressaltar na biografia do Vicentini é a audácia de traduzir e publicar com o próprio dinheiro! E se a obra encalhasse? Havia uma demanda, porque todo bibliotecário precisa de duas ferramentas básicas de trabalho: um código de catalogação e as tabelas de um sistema de classificação, porém, naquela época, as nossas entidades de classe não se preocupavam em atender a essa necessidade dos profissionais.

Na American Library Association (ALA), por intermédio das pessoas com quem mantinha amizade, Vicentini conseguiu autorização – um brasileiro, não uma grande empresa, nem um órgão público – para traduzir e publicar o AACR-1. Da coragem de enfrentar esse projeto, resultou a base para termos hoje uma normalização catalográfica em nosso país. Vocês nem imaginam as dificuldades que a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB) enfrentou para conseguir publicar, anos depois, o AACR-2!

Após esse desafio de publicar a primeira edição brasileira do AACR, ele resolveu criar uma editora, porque, nesse tempo, não havia interesse das editoras privadas em publicar material de Biblioteconomia. O professor Briquet de Lemos geralmente comenta as dificuldades de ser um editor, porque as tiragens são pequenas, os profissionais quase não adquirem os livros técnicos da área – por exemplo, uma tiragem de mil exemplares num universo de 25 mil bibliotecários.

O fato de os bibliotecários comprarem pouco material profissional faz com que tenhamos poucas editoras especializadas na nossa área. Quantas existem em todo o Brasil? Em Brasília, temos duas, a Briquet de Lemos e a Thesaurus; em Belo Horizonte, a Autêntica; a Interciência no Rio de Janeiro; a Intertexto, em Niterói; a E-Color, em Campinas; a Polis, em São Paulo. São apenas sete. E são escassos os livros didáticos de Biblioteconomia. Observem que, nas bibliografias das disciplinas, há poucos livros. Há muitos artigos. Ainda estamos na fase do artigo.

5 ATUAÇÃO DOCENTE (1964-1971)

Antes de ser professor da UnB, Vicentini já tinha ministrado cursos avulsos pela APB, preocupado com a formação profissional. A regulamentação da profissão de bibliotecário aconteceu em 1962, com a Lei nº 4.084, e a definição de um currículo mínimo foi conseguida quando o MEC aprovou uma sugestão de uma comissão especialmente formada para estudar essa temática. E os membros quem eram? Vicentini, Edson Nery da Fonseca, Cordélia Cavalcanti e Etelvina Lima, da UnB; Nancy Westfallen Corrêa (UFPR); Sully Brodbeck (da UFRGS) e Zilda Machado Taveira (FESP-SP).

No período de 1954 a 1963, foi professor de Pesquisa Bibliográfica, Metodologia Científica e Documentação no Instituto Teológico Pio XI, seminário mantido pelos Salesianos na capital paulista. A escola dos Salesianos em São Paulo tem uma excelente biblioteca que ele ajudou a organizar e, nesse afã, foi atraindo pessoas para a Biblioteconomia. Certamente, ele atraiu mais de 10 salesianos.

Durante sete anos, de 1964 a 1971, foi professor aqui da nossa Escola, onde lecionou disciplinas da graduação relacionadas com a Normalização Bibliográfica, a Documentação e a Classificação.

Vicentini também lecionou na pós-graduação. Em 1970, o IBBD criou o seu curso de mestrado em Ciência da Informação, o segundo curso de pós-graduação em Biblioteconomia do Brasil – porque o primeiro foi o da UnB, em 1963/1964 e que fechou em 1965, por causa da crise que a universidade estava enfrentando. Havia cinco bibliotecários fazendo pós-graduação, mas formou-se uma só pessoa. Os professores eram: Edson Nery da Fonseca, Cordélia Robalinho Cavalcanti, Etelvina Lima e Abner Vicentini, que coordenou o Seminário de Classificação, Catálogo Sistemático e Indexação em Cadeia, realizado em 1965.

Portanto, antes de ser implantada a graduação em Biblioteconomia na UnB, nós já tínhamos um mestrado e éramos faculdade! Isso não é divulgado. Outro dia reclamei com o professor Aldo Barreto, e disse-lhe: “Vocês do IBICT não foram o primeiro, mas o segundo”. E ele retrucou: “Isso aí não vingou”. E eu respondi: “Você não pode refazer a história”.

A preocupação com a qualificação dos recursos humanos foi marcante na vida profissional de Vicentini, que foi professor de inúmeros cursos de especialização e de treinamento para bibliotecários agrícolas da América Latina, promovidos pela BINAGRI.

Ele também teve influência na formação dos primeiros mestres brasileiros, estimulando a ida de Fernanda Leite Ribeiro e João Laurentino de Souza, que foram cursar o mestrado em Pittsburgh, e de Simão Gallo e Neusa Dias Macedo, para a Universidade Católica de Washington. Ele conseguiu bolsas da Fundação Ford para esse pessoal porque naquela época não havia cursos regulares de pós-graduação em Biblioteconomia no Brasil.

Os cursos de treinamento com o Programa de Formação do Ministério das Minas e Energia (PLANFAP) para mais de 50 bibliotecários nas áreas de Minas e Energia, Agricultura, Educação e Engenharia mostravam essa preocupação com os recursos humanos. Ele sempre falava: “Sem gente, não funciona. O mais importante são as pessoas, depois, é que entram as máquinas”.

Outra característica de Vicentini foi o espírito de divulgação e transparência – posso falar de cátedra, porque eu fui secretário dele por quatro anos. Ele ia duas vezes por ano ao exterior para participar dos eventos da FID ou de congressos internacionais e sempre retornava com novidades. Ele mandava duplicar aquele material considerado importante: alguns textos eram redatilografados, outros eram fotocopiados – não havia correio eletrônico, não havia internet naquela época –, e ele enviava cópia para os diretores das escolas de Biblioteconomia e para os diretores das grandes bibliotecas. O seu objetivo era mostrar o caminho que estava sendo percorrido no exterior – um modo de dizer “nós precisamos nos atualizar” –, diferentemente de muitos colegas que vão aos congressos no exterior e, quando voltam, ninguém fica sabendo de nada...

Neste aspecto, temos de “tirar o chapéu” para o Vicentini, que sempre fez esse papel de divulgação. Lembro-me de ele ter ido a um evento em Medellín, na Colômbia, patrocinado pela UNESCO. A Escola de Biblioteconomia da Colômbia sempre teve um papel de liderança na América Latina e aprovaram lá umas ideias para um novo currículo de Biblioteconomia, e creio que mais de 200 exemplares foram distribuídos para o Brasil inteiro. Todas as associações, todas as escolas de Biblioteconomia, todos os diretores das grandes bibliotecas receberam um exemplar para se informarem sobre essas novas ideias que precisavam ser implantadas rapidamente no Brasil. Imaginem se houvesse internet naquela época, ele mandaria tranquilamente todo esse material por *e-mail* para algumas centenas de pessoas!

Em outra ocasião, em 1967, Vicentini conseguiu um avião do governo federal e fizemos dois encontros de alunos de Minas Gerais, Brasília e São Paulo. Nessas duas ocasiões foi possível visitar as principais bibliotecas de São Paulo e Belo Horizonte. Naquela época, Brasília quase não tinha boas bibliotecas e ele levava os estudantes para verem algo real.

6 PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Muitos documentos de autoria do professor Vicentini foram publicados em congressos, porque, no Brasil, ainda não havia revistas de Biblioteconomia naquela época. A primeira delas a ser criada foi a *Ciência da Informação*, depois, veio a *Revista*

da Escola de Biblioteconomia da UFMG, ambas em 1972, e, logo em seguida, a *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, em 1973. Então, antes delas, o fórum de divulgação dos bibliotecários era, basicamente, os eventos profissionais – congressos, seminários, etc.

O seu trabalho de 1956, intitulado “Acordos e tratados firmados pelo governo para permutas de publicações”, foi apresentado no Seminário de Permuta Nacional e Internacional de Publicações, realizado em São Paulo. Nele, Vicentini defende a necessidade do intercâmbio de publicações oficiais entre as bibliotecas brasileiras. Ele foi o criador da Seção de Intercâmbio da Biblioteca Central da UnB. Nos anos 1960, das obras que a Editora da UnB publicava, a biblioteca recebia uma cota de 200 exemplares que eram trocados com bibliotecas de outros países e de outros lugares do Brasil. Assim, ao invés de se comprar determinadas obras no exterior, elas eram trocadas – não envolvendo aí nenhum custo financeiro. Isso era muito comum em bibliotecas do exterior, e o Brasil precisaria ser mais articulado nessa área. Então, é preciso destacar a importância do intercâmbio internacional, lembrando que o Brasil de 50 anos atrás era muito pobre em termos bibliográficos, daí essa preocupação no sentido de incorporar novos itens aos acervos com o menor custo possível.

Uma palavra-chave que se aplicava ao Vicentini era “liderança”. Onde ele estivesse logo se percebia que ele era um líder, com as características de romper barreiras e abrir portas, por exemplo, quando chamou a atenção para o problema de formação em separado de bibliotecários e documentalistas, porque não tínhamos um currículo mínimo, mas já havia uma diferença entre determinados profissionais: “Eu não sou bibliotecário; eu sou documentalista, mexo com informação especializada”.

Em 1961, por ocasião do 3º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Curitiba, no Estado do Paraná, Vicentini apresentou dois trabalhos. No primeiro, intitulado “Considerações sobre o currículo universitário de biblioteconomia”, ele falou que essa diferença era besteira, pois a gênese era a mesma. Agora, 50 anos depois, volta de novo essa discussão só que com outros nomes: Ciência da Informação é uma coisa, Biblioteconomia é outra. Isso é coisa antiga. A formação é a mesma, mas a área de atuação é que é diferenciada. Então, Vicentini sugeriu a reestruturação dos currículos em nível universitário de quatro anos e a inclusão de

várias disciplinas que, nos anos 1960, eram do campo da Documentação, e que hoje nós chamamos de Ciência da Informação.

A propósito, Ciência da Informação e Documentação têm raízes históricas distintas. A Ciência da Informação é uma discussão norte-americana; a Documentação é uma discussão europeia – e nós aqui no contexto brasileiro tentando fazer uma média, uma união das duas áreas! Esse artigo pioneiro é seminal e pode ser encontrado na biblioteca do IBICT. Há 50 anos, ele já mostrava a importância de a Biblioteconomia incorporar em seu currículo as novidades da Documentação.

O segundo trabalho, intitulado “Informe sobre a Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal (IBBD/CDU)”, faz uma prestação de contas das atividades realizadas visando disseminar a CDU no Brasil.

No evento seguinte, o 4º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em 1963, em Fortaleza (CE), ele submeteu três trabalhos. No primeiro, denominado “Situação atual da permuta de publicações no Brasil”, enfatiza a importância do intercâmbio e da permuta de publicações pelas bibliotecas brasileiras.

No segundo trabalho de 1963, intitulado “Relatório sobre as providências tomadas em relação às resoluções do 3º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação”, analisou a situação das recomendações aprovadas pelo plenário do congresso anterior. Vicentini foi secretário-geral e relator geral de vários Congressos Brasileiros de Biblioteconomia – aqui aparece de novo o seu espírito de liderança –, e ele apresentou nessa análise o que tinha acontecido, quais providências a nível nacional foram aplicadas, etc.

No último trabalho de 1963, denominado “Tendências modernas para normalização dos trabalhos de classificação: histórico e atividades da Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal (IBBD/CDU)”, Vicentini tratou das atividades exercidas por essa comissão em prol do desenvolvimento da CDU.

Ele tinha que dar transparência! Quantos colegas são presidente de comissões e ninguém fica sabendo o que está ocorrendo lá, mas Vicentini divulgava, compartilhava o conhecimento.

Interessado no uso do computador nas atividades bibliotecárias, Vicentini submeteu uma contribuição à Seção “T” (Informação Científica), por ocasião da 17ª

Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em Belo Horizonte (MG), em 1965. Assim como havia seções de Química, Física e Biologia e tal, na seção “T” tratava-se de Biblioteconomia e Informação Científica. Vicentini apresentou, nessa seção, um trabalho sobre um tema importante na época: “Mecanização da Classificação Decimal Universal para a disseminação da informação científica”. Salvo engano, este deve ter sido o primeiro trabalho sobre a automação da CDU, assunto que ele estudou a fundo.

Em 1967, essa temática foi retomada no trabalho “Mecanização da Classificação Decimal Universal para a disseminação da informação científica”, apresentado no 5º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em São Paulo (SP).

No ano seguinte, em 1968, foi realizado, em Brasília, o Encontro de Professores de Classificação e três professores da nossa escola apresentaram trabalhos: Edson Nery da Fonseca, Washington Moura e Abner Vicentini, que falou sobre o ensino de CDU, a sua área de especialização. Também participou desse evento, o professor Elton Eugênio Volpini, da Universidade Federal de Minas Gerais, que, depois da saída do Vicentini da UnB, foi indicado como novo diretor da Biblioteca Central.

A sua preocupação com a inserção internacional do Brasil, como se fosse quase um embaixador da Biblioteconomia, motivou-o a publicar um trabalho no exterior. Isto ocorreu em 1968, quando foi publicado em Portugal, nos *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, o artigo “Informática”, em que Vicentini comenta a introdução desse termo, de acordo com a proposta do professor A. I. Mikhailov, na 33ª Conferência Geral da Federação Internacional de Documentação, realizada em Tóquio, no Japão, em setembro de 1967. Analisa a origem do termo e a evolução histórica da Biblioteconomia, Bibliografia, Documentação e Ciência da Informação. Aborda também a mudança do conceito clássico da FID de “documentos de todos os gêneros” para “toda a informação”, como justificativa para uso da palavra “informática”.

Vicentini talvez tenha sido o primeiro bibliotecário brasileiro a ter contato com o grande autor russo Alexander Mikhailov, que, em 1967, apresentou o termo “informática”, mas com o sentido que hoje damos ao termo “Ciência da Informação”, que só apareceu em 1968, no trabalho clássico de Harold Borko (1968), publicado nos

Estados Unidos. Pois Vicentini já estava divulgando esse novo conceito da Ciência da Informação, que foi retirado das palestras de Mikhailov, o russo que propôs essa ideia de usar principalmente o computador, a automação, aquelas ideias da Documentação dentro da Biblioteconomia. Mais à frente, Vicentini vai divulgar isso no Brasil.

Mikhailov era o presidente do VINITI, que seria o IBICT soviético, só que em grandes dimensões. Na antiga União Soviética, o VINITI tinha uns cinco mil funcionários, que faziam a indexação de todo o material russo, traduziam coisas do exterior para o russo, indexavam o máximo de documentos em suas bases de dados. Por quê? Porque desde o início, os russos visualizavam que a Informação Científica Tecnológica (ICT) era um fator de desenvolvimento. Isso resultou no Sputnik, o primeiro artefato lançado lá no espaço. Os americanos ficaram embasbacados – não é possível que os russos nos passassem a perna... – e, aí, o grande presidente John Kennedy criou a NASA com altíssimo investimento para colocar um homem na Lua, enviar satélites para o espaço, etc. Os russos já estavam, havia muitos anos, investindo na área de ICT e na formação de novos engenheiros. Quando os Estados Unidos viram que era importante, aí sim, criaram o Sistema Nacional de Informação que funciona até hoje.

Em 1969, por ocasião da Reunião Interamericana de Bibliotecários y Documentalistas Agrícolas, realizada em Bogotá, na Colômbia, Vicentini analisou os avanços recentes na área de automação da CDU num trabalho intitulado “Mecanización y automatización: perspectivas de la America Latina”, que, no mesmo ano, foi também publicado nos *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, editado pela Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas.

Ainda em 1969, Vicentini publicou, nesse periódico, o artigo “Documento básico apresentado no Encontro de Professores de Classificação” em que aborda os avanços no ensino da classificação.

No ano seguinte, em 1970, Vicentini mostrou o seu crescente interesse no uso do computador nos serviços bibliotecários ao apresentar, no Seminário sobre Automação na Documentação, realizado em Brasília, o trabalho “A informática no plano internacional: aplicação da mecanização e da automação nos serviços bibliotecários”.

Nesse mesmo ano, Vicentini publicou na *Revista do Serviço Público*, o artigo “Da Biblioteconomia à informática: evolução do conceito de documentação”, que é um clássico, o primeiro artigo brasileiro que usou o termo informática com a acepção que nós conhecemos hoje como Ciência da Informação. Vicentini ampliou para 40 páginas o artigo publicado no ano anterior em Portugal. Vale a pena resgatar, na história, as raízes do que nós chamamos hoje de Ciência da Informação, que os americanos, depois, pegaram dos russos. Nós temos como provar que os russos foram pioneiros nessa utilização, mas não chamaram Ciência da Informação e, sim, Informática. Mas, adequando ao termo atual, eles foram os pioneiros e, aqui, um ano, dois anos depois de lançado na União Soviética, Vicentini já o estava divulgando. Fomos os primeiros na América Latina com essa acepção.

Em 1960 ocorreu uma famosa Reunião de Catalogação Internacional, em Paris, promovida pela UNESCO, e, durante uma semana, bibliotecários de dezenas de países participaram. Quem estava lá? Vicentini, defendendo algumas ideias em relação ao código e isso deve ter despertado nele a importância de se ter uma padronização em nível nacional primeiro e, depois, em nível internacional.

Hoje, nós já conseguimos isso e ninguém mais discute sobre problemas de catalogação, pois o AACR-2 que se aprende aqui é o mesmo que se estuda no Japão, nos Estados Unidos, na Espanha, na África do Sul e assim por diante. Por quê? A Biblioteconomia é uma profissão internacional e pode ser exercida em diversos lugares. Tanto é assim que nós temos um ex-aluno nosso que trabalha na biblioteca da ONU, em Nova York, e tivemos uma que trabalhou na Organização Internacional do Trabalho (OIT), em Genebra.

Em 1970, Vicentini publicou, nos *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, o artigo “O novo código de catalogação”, comentando detalhes sobre a edição brasileira do AACR. Vicentini não era neófito na área de catalogação; o forte dele era classificação CDU, mas era muito bom em catalogação, tanto assim que coordenou a tradução do AACR-1, publicada em 1969.

O ano de 1970 foi muito produtivo. Vicentini e Élvia Andrade de Oliveira, bibliotecária do IBICT, publicaram o artigo “UNIDEK: aplicação à bibliografia brasileira de Botânica”, sobre a automação da CDU utilizada na recuperação da

informação botânica. Élvia de Andrade de Oliveira tinha sido bibliotecária do antigo IBBD, estudara computação e fazia programação. Essa foi uma das primeiras aplicações da CDU recuperando informação, isto há 43 anos! A realização desse trabalho começava com a perfuração dos cartões no Rio de Janeiro, pois o IBBD tinha as perfuradoras; os *decks* de cartões eram levados numa Kombi até São José dos Campos, onde eram processados no *mainframe* do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

No ano seguinte, em 1971, a automação da CDU na área de Direito foi objeto do trabalho “Informática jurídica”, submetido ao 6º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Belo Horizonte (MG).

Também em 1971, Vicentini publicou um artigo na revista espanhola *Boletín de la Anaba*, a Asociación Nacional de Bibliotecarios e Archiveros, da Espanha, intitulado “De la biblioteconomia a la informática: evolución del concepto de documentación”, sobre a evolução da Biblioteconomia até a Ciência da Informação. Ele tinha enormes ligações com Hipólito Escolar Sobriño, que foi diretor da Biblioteca Nacional da Espanha e que, em 1968, esteve em Brasília para elaborar um projeto de um sistema de bibliotecas públicas e escolares. Haveria uma biblioteca, simultaneamente nacional e local, localizada onde está o atual Centro de Convenções, e que também seria a cabeça de um Sistema de Bibliotecas Escolares. O projeto foi preparado para a UNESCO, mas nunca foi para frente. Essa ideia integrando vários tipos de bibliotecas ainda é revolucionária hoje, não é verdade?

Em 1971, depois da primeira edição brasileira do AACR, de 1969, Vicentini, em conjunto com Donald J. Lehnus, aproveitando que ele lecionava catalogação em Medelín, elaborou um manual intitulado *Catalogação descritiva: manual prático contendo 225 modelos de fichas exemplificativas das regras de catalogação descritiva do Código de Catalogação Anglo-Americano (parte II, capítulos 6 a 9, regras 142 a 191)*, sendo o volume 2, da Série “Visão da informática pura e aplicada”, publicada pela Editora e Distribuidora VIPA, criada pelo Vicentini. O depósito da editora funcionava na sua chácara e ele mesmo fazia todo o ciclo de comercialização: levava no correio, despachava etc. Se não me engano, foram quatro obras editadas.

A sua pesquisa principal, a automação da CDU, foi objeto de um trabalho intitulado “Projeto LEMME: o uso da Classificação Decimal Universal na recuperação da legislação referente a Minas e Energia”, submetido ao 3º Congresso Regional de Documentação, realizado em 1971, em Lima, no Peru.

A automação da CDU usava o *mainframe* e o método para entrada dos dados se chamou de “granularidade da informação”, porque nós não indexávamos somente a lei, mas artigo por artigo e cada um tinha uma indexação específica mostrando o que constava nele – na época não se chamava indexação exaustiva.

Hoje, o projeto que o Senado está implantando, o LexML Rede de Informação Legislativa e Jurídica (LEXML, 2008), – segundo o que foi dito pelo seu coordenador, João Lima – foi baseado nessas ideias.

Em 1972, no Seminário Latino-Americano sobre Preparação de Cientistas da Informação, realizado na Cidade do México, Vicentini abordou os “Aspectos teóricos e interdisciplinares na comunicação da informação”, analisando os desafios do ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Tendo iniciado o seu trabalho de consultoria na montagem do novo sistema brasileiro de informação agrícola, Vicentini publicou, em 1972, o artigo “Informática agrícola” na recém-criada revista *Ciência da Informação*, editada pelo IBICT.

A automação da CDU no controle da informação jurídica em minas e energia, objeto de publicação inicial no ano anterior, teve o seu detalhamento em 1972. Contando com a colaboração de João Laurentino de Sousa e Murilo Cunha, um artigo intitulado “Mecanização da Classificação Decimal Universal: o projeto LEMME” foi apresentado na 3ª Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação, realizada em Porto Alegre (RS). O projeto pioneiro do Ministério de Minas e Energia parou porque havia barreiras enormes na informática: a entrada de dados era via cartão perfurado e nós estávamos precisando de um sistema que fosse *online*, mas ainda não havia condições tecnológicas para isso. Lembrem-se de que naquela época não havia computadores pessoais nem a web. Eu fui para esse Ministério e trabalhamos juntos a partir de 1972.

O seu interesse na teoria da classificação levou-o a publicar em 1972, na revista *Ciência da Informação*, um artigo intitulado “Ranganathan, filósofo da classificação,

cientista da Biblioteconomia”, mostrando aspectos da teoria da classificação e o seu ensino nos cursos de Biblioteconomia. Há 40 anos, foi o primeiro trabalho brasileiro sobre esse indiano, destacando sua importância para a teoria da classificação, que o professor Astério Campos explorou ao máximo. Vicentini admirava muito Ranganathan e, inclusive, esteve na Índia, onde o conheceu.

Outro projeto de 1972 no qual Abner Vicentini se envolveu foi a “Informática Educacional: relatório final sobre o projeto para a criação de um Centro Nacional para a coleção, análise e disseminação da informação na área de educação”. Ele era uma pessoa que tinha uma grande amplitude de interesses temáticos: Educação, Minas e Energia, Agricultura, Engenharia.

Em 1973, Vicentini esteve envolvido na montagem do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT), que foi pensado por uma equipe interministerial, incluindo, entre outros, bibliotecários, administradores, analistas de sistemas, diplomatas e funcionários do alto escalão federal. Assim, Vicentini apresentou no 7º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Belém (PA), dois documentos.

No primeiro, “Informática para o desenvolvimento socioeconômico: redes de informação”, descreveu o esboço do futuro sistema nacional de informação. No segundo, intitulado “O subsistema de informação agrícola”, Vicentini contou com a colaboração do agrônomo Raul Rosinha. Esse tema foi objeto do livro *Sistemas de informação e aspectos teóricos e interdisciplinares na comunicação da informação*, lançado em 1973. Nessa obra, Vicentini analisou a informação agrícola e a construção do Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola (SNIDA). Depois de inúmeras discussões, esse sistema foi, em 1976, oficialmente detalhado e apresentado à UNESCO no documento “Sistema Nacional de Información y Documentación en Ciencias Agropecuarias (SNIDECA)”.

Depois, ele apresentou à UNESCO um documento oficial sobre o Sistema Nacional da Área Agrícola – é um desdobramento daquele documento com 64 páginas que ele tinha apresentado ao Ministério e que ele ampliou para 90 páginas, mostrando mais detalhes sobre o Sistema Nacional de Informação Agrícola, que recebeu apoio

técnico da UNESCO e apoio financeiro da FAO e do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas (IICA-CIDEA), da Costa Rica.

Esses projetos internacionais exigiam uma justificativa bem fundamentada para obterem dos órgãos internacionais os recursos financeiros e humanos solicitados para a criação e expansão de bibliotecas e sistemas de informação.

Também nesse evento de Belém, no terceiro trabalho que apresentou, “O centro de informática do MME e sua contribuição para o desenvolvimento tecnológico do Brasil”, Vicentini aproveitou para divulgar o subsistema de informação na área de Minas e Energia.

As discussões sobre o SNICT, iniciadas em 1972, tiveram prosseguimento em 1973. Vicentini contou com a colaboração de Hagar Espanha Gomes, Ângela L. Pompeu, Cesar Teixeira e Lydia Sambaquy na elaboração das “Diretrizes Básicas para a Implantação do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT)”, documento publicado na revista *Ciência da Informação*.

Esses autores prepararam um relatório que foi encaminhado ao CNPq e que é muito importante, pois esboçava o Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT), com os subsistemas: de Minas e Energia, de Educação e da maioria das áreas. O SNICT seria coordenado pelo IBICT, mas, infelizmente, a ideia não vingou... E até hoje, com exceção das áreas agrícola e de saúde, não há sistemas nacionais. Nas outras áreas, parece não haver essa preocupação sistêmica.

Ainda em 1973, Vicentini publicou na recém-criada *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, com a colaboração de João Laurentino de Sousa e Murilo Bastos da Cunha, o artigo “Mecanização da Classificação Decimal Universal: o projeto LEMME”, com o objetivo de atualizar as pesquisas feitas no MME visando à automação da CDU na legislação especializada.

A CDU e as ações da FID em prol desse sistema de classificação foram objeto do trabalho “As atividades da FID/CCC, Comissão Central de Classificação”, apresentado ao 4º Congresso Regional de Documentación, realizado em 1973, em Bogotá, na Colômbia.

Em 1974, Vicentini participou da 4ª Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação, realizada em Porto Alegre (RS). Intitulado “A

Classificação Decimal Universal como linguagem indexadora nos sistemas mecanizados de recuperação da informação”, o trabalho apresentado atualizava os projetos brasileiros e estrangeiros relacionados com a automação da CDU.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de examinar vários dos seus trabalhos e alguns detalhes da vida do Vicentini, o que salta aos olhos, o que nós podemos sintetizar? Primeiro, Vicentini preocupou-se com a qualificação bibliotecária. Por ter sido colaborador do padre Astério Campos no ensino de pesquisa bibliográfica no Seminário Salesiano de São Paulo, Vicentini estimulou inúmeros salesianos a cursarem Biblioteconomia. Ele foi um motivador, atraindo pessoas qualificadas, como: Sebastião de Sousa, Simão Gallo, Tarcisio Zandonade, Odilon Pereira e Astério Campos, que veio dos Salesianos para dar aula aqui em Brasília, e, diga-se de passagem, foi o primeiro. A tese de doutorado do padre Astério Campos foi sobre Norberto Bobbio, defendida em 1961 e publicada em livro em 1966. Bobbio hoje é o supprassumo da área de Ciência Política, e muita gente fala dele, mas o padre Astério escreveu sobre ele há 40 anos. Então, eram pessoas desse porte que Vicentini tentava atrair.

Em segundo lugar, Vicentini era o que depois foi denominado de *gatekeeper*. Isso daí salta aos olhos, essa preocupação de divulgar o conhecimento junto aos colegas.

Em terceiro lugar, Vicentini era uma presença brasileira no exterior: participou daquela reunião internacional sobre catalogação em Paris, cujas decisões geraram o AACR-1; foi membro do Comitê Central de Classificação e conselheiro da FID – um dos nove –, durante muitos anos; desempenhou várias atividades na UNESCO e na FAO; foi bibliotecário a nível mundial, representando o Brasil em muitas ocasiões. Alguns colegas pareciam invejá-lo porque ele recebia convites para dar palestras, apresentar trabalho em eventos, abrir congressos, etc. Ele foi um líder e conhecia inúmeros colegas de outros países.

Tanto é assim que vários estrangeiros vieram ao Brasil, inclusive aqui, na nossa escola, para fazerem palestras a convite do Vicentini, sem custos para a UnB, devido à amizade que ele tinha com essas pessoas.

Em quarto lugar, Vicentini foi um líder profissional, em todos os sentidos. Essa liderança foi exercida na APB e nas diversas comissões que ele presidiu. Ele também foi membro do Conselho Federal de Biblioteconomia, mas não foi presidente porque era uma pessoa que visitava muito os países “comunistas” e os militares brasileiros da época (1972-1973) ficaram com medo. O seu grande envolvimento com o movimento associativo tem que ser ressaltado.

Infelizmente teve uma morte prematura. Aos 47 anos, veio a falecer em 9 de agosto de 1976, após acidente automobilístico, quando voltava de um casamento em São José do Rio Preto e se dirigia a Brasília, numa caminhonete Chevrolet, pois tinha uma chácara e criava cães da raça pastor alemão. Ele estava subindo uma montanha e um carro Chevette, conduzido por uma pessoa embriagada, bateu na porta do lado onde ele estava. Ferido na perna, ele foi para o hospital e, talvez por ter ficado muito tempo parado na cama, formou-se um coágulo que causou a sua morte. Eu me lembro de que, em 1976, estava fazendo meu mestrado em Belo Horizonte e vim ao enterro dele. Foi uma pena. Nós poderíamos tê-lo até hoje. De fato, Abner Vicentini teve um papel preponderante na Biblioteconomia brasileira.

REFERÊNCIAS

BORKO, Harold. Information science, what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

BRASIL. Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911. Approva o regulamento da Bibliotheca Nacional. *Câmara dos Deputados*: legislação informatizada. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8835-11-julho-1911-502890-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 5 abr. 2013.

LEXML: rede de informação legislativa e jurídica [online]. [S.l.: s.n., 2008]. Disponível em: <www.lexml.gov.br>. Acesso em: 5 abr. 2013.

RIBEIRO, Antônia Motta de Castro Memória. **Catálogo de recursos bibliográficos: AACR2 em MARC21**. 5. ed. Brasília, 2012.

ANEXO 1

Bibliografia de Abner Lellis Corrêa Vicentini (em ordem cronológica)

VICENTINI, Abner L. C. A documentação no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 1959, Salvador. **Anais**. [S.l.: s.n., 1959?].

VICENTINI, Abner L. C. Considerações sobre o currículo universitário de biblioteconomia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 3., 1961, Curitiba. **Trabalhos apresentados**. Curitiba: [s.n.], 1961.

VICENTINI, Abner L. C. A dinamização do serviço de informação. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 13., 1961, Poços de Caldas, MG. **Anais**. [S. l.: s. n., 1961?].

VICENTINI, Abner L. C. Informe sobre a Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal (IBBD/CDU). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 3., 1961, Curitiba. **Trabalhos apresentados**. Curitiba, 1961.

VICENTINI, Abner L. C. Situação atual da permuta de publicações no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 4., 1963, Fortaleza. **Trabalho apresentados**. Fortaleza: UFCE, 1963.

VICENTINI, Abner L. C. A Classificação Decimal Universal como factor da cooperação luso-brasileira. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 5., 1963, Coimbra. **Actas**. Coimbra: [s.n., 1963?].

VICENTINI, Abner L. C. Seleção e aquisição de material bibliográfico. In: ROUND TABLE ON INTERNATIONAL COOPERATION FOR LIBRARY AND INFORMATION SERVICES IN LATIN AMERICA, Washington, D.C., 1965. **Final reports and documents**. Washington: [s.n.], 1966.

VICENTINI, Abner L. C. **Mecanização da Classificação Decimal Universal para a disseminação da informação científica**. [S.l.: s.n., 1965?]. 14 f. Trabalho apresentado à Seção T, Informação Científica [da] 17ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em Belo Horizonte, de 4 a 10 de julho de 1965.

VICENTINI, Abner L. C. Bibliotecas especializadas e centros de informação no Brasil e na América Latina. In: REUNIÃO ANUAL DA IFLA/FIAB, 31., 1965, Helsinki. **Proceedings**. [S. l.: s.n., 1965?].

VICENTINI, Abner L. C. Mecanización y automatización: perspectivas de la América Latina. In: REUNIÓN INTERAMERICANA DE BIBLIOTECARIOS Y

DOCUMENTALISTAS AGRÍCOLAS, 2., 1968, Bogotá. **Informe**. Bogotá: AIBDA, 1968. p. VD1-VD10. Título da capa: “Actas y trabajos presentados”.

VICENTINI, Abner L. C. Informática. **Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação**, Coimbra, Portugal, 1968.

VICENTINI, Abner L. C. The organization of national documentation and information services in Latin America with special reference to Brazil. **Library Trends**, Urbana, v. 17, n. 3, p. 245-257, January 1969.

VICENTINI, Abner L. C. Mecanización y automatización: perspectivas de la America Latina. **Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação**, Coimbra, Portugal, 1969.

VICENTINI, Abner L. C. A informática no plano internacional: aplicação da mecanização e da automação nos serviços bibliotecários. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO NA DOCUMENTAÇÃO, 1969, Brasília. **Anais**. Brasília: MEC; CETEB, [1969?]. p. 7-16.

VICENTINI, Abner L. C. O novo código de catalogação. **Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação**, Coimbra, Portugal, 1970.

VICENTINI, Abner L. C. Da biblioteconomia à informática: evolução do conceito de documentação. **Revista do Serviço Público**, Brasília, n. 105, p. 252-295, set./dez. 1970.

VICENTINI, Abner L. C.; OLIVEIRA, Elvia de Andrade. UNIDEK: aplicação à bibliografia brasileira de Botânica. In: CONGRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO, 2., 1969, Rio de Janeiro. **Anais**. [S.l.: s.n.], 1970. p. 102-112.

VICENTINI, Abner L. C. De la biblioteconomia a la informática: evolución del concepto de documentación. **Boletín de la Anaba**, Madrid, v. 21, n. 3/4, p. 3-41, jul./dez. 1971.

VICENTINI, Abner L. C. Projeto LEMME: o uso da Classificação Decimal Universal na recuperação da legislação referente a minas e energia. In: CONGRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO, 3.; REUNIÃO DA FID/CLA, 11., 1971, Lima, Peru. **Anais**. Rio de Janeiro: IBBD, 1972. p. 145-160.

VICENTINI, Abner L. C. **Mecanização da Classificação Decimal Universal: o projeto LEMME**. In: JORNADA SUL-RIO-GRANDENSE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 3., 1972, Porto Alegre (RS). 15 p.

VICENTINI, Abner L. C.; COELHO, Aníbal Rodrigues; BORGES, Maria Alice Guimarães Borges. **Informática Educacional: relatório final sobre o projeto para a criação de um Centro Nacional para a coleção, análise e disseminação da informação na área de educação**. Brasília, 1972. 489 p.

VICENTINI, Abner L. C. Aspectos teóricos e interdisciplinares na comunicação da informação. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO SOBRE PREPARAÇÃO DE CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO, 1972, México. **Anais**. Rio de Janeiro: IBBD, 1972. p. 219-226.

GOMES, Hagar Espanha; VICENTINI, Abner L. C.; POMPEU, Ângela Lerche; TEIXEIRA, Cesar; SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Diretrizes básicas para a implantação do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT). **Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 69-72, 1973.

VICENTINI, Abner L. C. **Sistemas de informação e aspectos teóricos e interdisciplinares na comunicação da informação**. São Paulo: APB, 1973. 1 v.

VICENTINI, Abner L. C.; CAMPOS, Astério Tavares. **Lições programadas de Classificação Decimal Universal**. Brasília: VIPA, 1974. (Visão da Informática pura e aplicada, v. 4).

Como citar este documento:

CUNHA, Murilo Bastos da. Abner Vicentini: um pioneiro da Biblioteconomia brasileira **Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.**, Campinas, SP, v.12, n.2, p.217-241, maio/ago. 2014. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci>>. Acesso em: 30 maio 2014